

**INCORPORAÇÃO NOMINAL, INERGATIVIDADE E ESTRUTURA CAUSATIVA
EM TENETEHÁRA¹**

Fábio Bonfim Duarte²
Ricardo Campos Castro³

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo a análise de construções transitivas que apresentam o objeto direto incorporado à raiz verbal. Nessas estruturas, quando o argumento interno se incorpora à raiz verbal, há perda de material fônico, de tal sorte que o objeto e o verbo formam uma unidade morfossintática complexa. O resultado desse processo é uma configuração sintática de natureza inergativa, tendo em vista que o objeto se move de uma posição argumental para a posição de núcleo da raiz verbal, conforme se vê pelos exemplos a seguir.

(1a) *u-ʔi-ʔu*
3-água-ingerir
“(Ele) bebe (água)”.

↓

(1b) *u-i-ʔu*
3-água-ingerir
“(Ele) bebe (água)”.

(2a) *u-maʔe-ʔu*
3-coisa-ingerir
“(Ele) comeu (algo)”.

↓

(2b) *u-mai-ʔu*
3-coisa-ingerir
“(Ele) comeu (algo)”.

¹Tenetehára is a language spoken by two indigenous groups: the Tembé and the Guajajara. The Tembé group lives in the border of the States of Maranhão and Pará and the Guajajara group lives in the State of Maranhão, in the north of Brazil. According to Rodrigues (1986:39), they consist of approximately 7,100 people and belong to the Tupi-Guarani family, Tupi Stock.

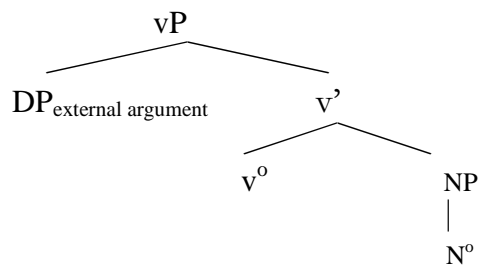
² Professor Doutor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Email para contato: fbonfim@terra.com.br. / Portal: www.lettras.ufmg.br/fbonfim.

³ Mestre em Linguística /FALE/UFMG. Email para contato: ricardorrico@uol.com.br.

Notem que os sintagmas *?t* ‘água’ e *ma?e* ‘coisa’ sofrem reduções morfofonológicas ao se incorporarem à raiz, de tal forma que o item lexical *?t* reduz-se a *i*, em (1b), e o item *ma?e* transforma-se em *mai*, em (2b). Outro efeito colateral da incorporação tem a ver com o fato de que as configurações inergativas em (1) e (2) não podem exibir alternâncias, como as que ocorrem, por exemplo, no português, em que o verbo transitivo pode figurar em duas construções sintáticas distintas, uma transitiva como em ‘*O vento quebrou o vaso*’ e outra inacusativa como em ‘*O vaso quebrou*’. A razão é simples: tendo o objeto incorporado à raiz verbal, não haverá condições sintáticas que permitam a alternância transitiva/intransitiva. Por esta razão, assumiremos, durante o desenvolvimento deste artigo, que as construções em (1) e (2) são o reflexo de um epifenômeno mais geral de redução de valência verbal, o qual, nos contextos em tela, corresponde ao mecanismo sintático que gera verbos inergativos.

Outro objetivo deste artigo é avaliar a hipótese desenvolvida por Hale e Keyser (1993, 2002) segundo a qual verbos inergativos são, ao final de contas, verbos transitivos implícitos, visto que são derivados a partir da incorporação do argumento interno ao núcleo da estrutura vP. Hale and Keyser (1993) assumem que verbos inergativos são denominais no sentido de que são derivados a partir de nomes. Esta assunção pressupõe que verbos como *laugh*, *sneeze*, *neigh*, *dance*, *calve* possuem a estrutura sintática abstrata delineada em (3)

(3)



Interessa-nos, ainda, o estudo do escopo morfosintático do prefixo causativo {*mu-*}. A hipótese que desenvolveremos é que esse prefixo deve ser descrito como sendo a realização morfológica do verbo causativo no núcleo da estrutura vP. Em geral, o que se nota

é que esse morfema pode juntar-se a verbos inacusativos, inergativos, descritivos e até mesmo a nomes para formar verbos transitivos. Por fim, pretendemos evidenciar que o prefixo reflexivo {ze-}, quando figura em contextos de incorporação nominal, exige que o nome incorporado seja de natureza [+INALIENÁVEL]. Investigaremos também os contextos em que esse mesmo prefixo figura sem que haja incorporação de um objeto à raiz verbal. A hipótese que desenvolveremos é a de que, nesses contextos, a presença do prefixo {ze-} faz emergir o que tradicionalmente a literatura lingüística rotula de voz reflexiva.

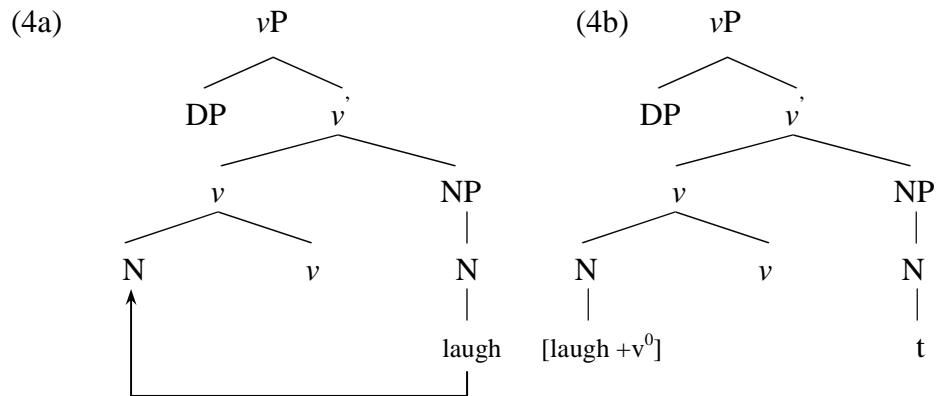
Este trabalho está organizado em quatro seções. Na seção 2, fazemos uma breve retomada da proposta teórica desenvolvida por Hale e Keyser (1993, 2000); na seção 3, investigamos os contextos de incorporação do objeto à raiz verbal transitiva; na seção 4, propomos que, em contextos de incorporação nominal, o reflexivo {ze-} sinaliza que o objeto incorporado deve possuir natureza [+INALIENÁVEL]; na seção 5, mostramos que a voz reflexiva ou medial emerge nos contextos em que o morfema {ze-} não coocorre com um objeto incorporado. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2. O FENÔMENO DA INERGATIVIDADE

No âmbito da literatura gerativa dos últimos anos, há a assunção de que verbos inergativos diferem dos verbos inacusativos pelo fato de os inergativos precisarem selecionar um DP_{agente}, enquanto os inacusativos necessitam selecionar apenas um DP_{afetado/tema}. Outra diferença bastante relatada na literatura lingüística relaciona-se ao fato de os inergativos⁴, em muitas línguas, poderem emergir como verbos biargumentais, podendo selecionar tanto um argumento interno quanto um argumento externo. É por esta razão que os verbos inergativos representam a subclasse mais simples do que Hale e Keyser (1993:54-55) chamam de verbos denominais. No inglês, esses verbos possuem uma projeção lexical inicial

⁴ Hale and Keyser (1993:55) assumem o seguinte: “The so-called unergative verbs (...), all called simply (true) intransitive verbs (Burzio 1981), represent by far the simplest class of denominal verbs derived by incorporation. For English, these include, among many others, the verbs laugh, sneeze, neigh, dance, calve.”

que inclui um verbo e um complemento. Nesta perspectiva, os verbos inergativos são denominados no sentido de que são formados pela operação *conflation* do núcleo N^0 ao núcleo v^0 que o seleciona. Assim sendo, assumiremos, doravante, que verbos intransitivos de ação, como *laugh*, *sneeze* e *dance*, são formados pela operação de *conflation* tal como indicada na derivação em (4a) e (4b) a seguir.



Vemos que, nas estruturas em (4), o núcleo N^0 se move para a posição de núcleo de vP , de modo que a sua matriz fonológica é transferida para o núcleo v^0 . Esse movimento, que é um tipo de operação variante de Mover- α , se conforma ao princípio que restringe o processo de incorporação sintática, mais precisamente à restrição de movimento de núcleo segundo a qual um núcleo X^0 se move somente para a posição do núcleo Y^0 mais próxima que o rege. Uma evidência a favor de se postular a incorporação do complemento pode ser encontrada pelo fato de as estruturas inergativas do português, em (5a) e (6a), poderem sofrer paráfrases do tipo “X é a causa de um evento de risada” ou “X correu uma corrida”, conforme as leituras apresentadas nos exemplos (b) a seguir:

- (5) a. O menino riu.
 b. O menino deu um riso.
- (6) a. O menino correu.
 b. O menino deu uma corrida.

Esta hipótese teórica é ainda mais reforçada pela observação de que inergativos podem vir realizados em muitas línguas por meio de uma estrutura transitiva simples, conforme os dados do Basco, retirados de Laka (1993:152-153).

- (7) *Nik lan egin dut*
I-ERG work done have-me
“I worked” (I did work).
- (8) *Nork negar egin dut*
I-ERG cry done have-me
“I have cried”.
- (9) *Nik eztul egin dut*
I-ERG cough done have-me
“I have coughed”.
- (10) *Nik oihu egin dut*
I-ERG scream done have-me
“I have screamed”.

Observem que os verbos de (7) a (10) são todos transitivos. Tal fato revela que, no Basco, existe efetivamente o objeto na estrutura sintática nas construções que, no português e no inglês, equivalem a verbos inergativos. Outra evidência de que os inergativos são, de fato, verbos transitivos no Basco surge dos diagnósticos apresentados por Uribe-Etxebarria (1989). Segundo esta autora, no Basco, somente D/NPs não incorporados à raiz podem vir separados do verbo causativo *egin* “fazer”, particularmente quando este último figura na periferia esquerda da sentença. Este é justamente a situação sintática que emerge nos exemplos a seguir:

- (11a) *Nik lan egin dut*
I-ERG work done have-me
“I worked” (I did work).
- (11b) *nork egin behar du lan?*
who-Erg done must have work
“Who must work?” (“Who must do work?”).

Notem que o fato de o verbo leve *egin* ‘fazer’ figurar em segunda posição na sentença, separado do objeto, serve de evidência para mostrar que o verbo e o objeto de fato não constituem um estrutura morfológica complexa na sentença em (11b). Em suma, os testes apresentados pela autora indicam que, em perguntas do tipo QU-, o verbo leve e o nome aparecem como dois itens lexicais distintos na sintaxe.

Já no Esquimó, diferentemente do que se observa no Basco, o argumento interno de verbos transitivos vem incorporado à raiz verbal, formando um complexo morfossintático complexo. Tal fato mostra que a configuração inergativa em Esquimó é derivada por meio da incorporação do objeto ao verbo leve, núcleo da estrutura vP. Nesses contextos, o argumento interno vem incorporado visivelmente à raiz verbal, conforme podemos notar pelos exemplos de (12) a (14).

- (12) *Palasi niqui-tur-puq*
 minister.ABS meat-“eat”- [-trans].3sA
 “The minister is eating/ate meat”.

Bobaljik (1993:39)

- (13) *atkug-tur-tuq*
 parka-use/consume-[-trans].3sA
 “She is wearing a parka”.

Jacobson (1984:576)

- (14) *ašš aš -š uq-puq*
 hand-use/consume-[-trans.1sA]
 “She is using her hands”.

Bergsland (1955, p. 98)

Tomando por base a hipótese de Hale e Keyser (1993, 2000) e os dados das diferentes línguas apresentados até aqui, consideraremos que a inergatividade faz parte de um epifenômeno mais geral relacionado à diminuição de valência de verbos transitivos. Ou seja, admitiremos, doravante, que a formação de verbos inergativos dá-se quando ocorre diminuição do número de argumentos sintáticos de um predicado, podendo ocorrer vários expedientes gramaticais para este fim, como a incorporação morfológica do objeto a um núcleo vazio ou a um núcleo realizado por meio de um verbo transitivo. Com base nessa

intuição, assumiremos a hipótese de que a língua tenetehára permite a última estratégia para formação de construções inergativas. Ou seja, a língua permite a operação sintática de incorporação do complemento a uma raiz verbal transitiva. Na próxima subsecção, discutimos esses contextos.

3. INCORPORAÇÃO À UMA RAIZ VERBAL TRANSITIVA E O FENÔMENO DA INERGATIVIDADE

Na língua Tenetehára, é muito comum a incorporação do objeto a raízes de certos verbos transitivos, produzindo assim a diminuição no número dos argumentos que o verbo transitivo seleciona no componente sintático. Este mecanismo de incorporação é muito semelhante ao que se observa no Esquimó. Nestes contextos, os verbos exibem um NP_{nu} incorporado visivelmente à raiz verbal transitiva, conforme podemos observar pelos dados a seguir:

(15a) *u-po-ʔe*⁵
 3-mão-expressar
 “(Ele) sacode (a mão)”.

↓

(15b) *u-pu-ʔe*
 3-mão-expressar
 “(Ele) sacode (a mão)”.

(16) *o-po-kok*
 3-mão-encostar
 “(Ele) encosta/toca (com a mão)”.

(17a) *u-pepo-zaʃ*
 3-asa-abrir
 “(Ele) abre (as asas)”. (pássaro ou inseto)

(17b) *wirahu* *u-pepo-zaʃ* *u-memʔ* *ø-ʔaromo*
 águia 3-asa-abrir 3-filho C-PSP
 “A águia abriu as asas em cima do filho”.

⁵ Gostaríamos de deixar registrado aqui nosso agradecimento ao linguista Carl Harrison, por ter gentilmente nos cedido parte dos dados referente à incorporação nominal na língua Tenetehára.

- (18a) *u-pina-etɨk*
 3-anzol-jogar
 “(Ele) joga (anzol)”.
 [Lit: “Ele pesca”.]
 ↓
- (18b) *u-pina-itɨk*
 3-anzol-jogar
 “(Ele) joga (anzol)”.
- (18c) *u-pina-ʔo-na-ʔok*
 3-anzol-puxar-RED-RED
 “(Ele) puxa (anzol)”.
- (19) *u-pira-poj*
 3-peixe-alimentar
 “(Ele) alimenta (peixe)”
 [Lit: “Ele pesca”.]
- (20a) *u-pɨʔa-hɨw*
 3-barriga-limpar
 “(Ele) limpa (tripa de animal)”.
 ↓
- (20b) *u-pɨhɨw*
 3-barriga-limpar
 “(Ele) limpa (tripa de animal)”.
- (21) *u-zuru-pɨer*
 3-boca-chupar
 “(Ele) beija”
 [Lit: “Ele chupa boca”.]
- (22) *u-zuru-peka*
 3-boca-abrir
 “(Ele) dá bocejos”
 [Lit. “Ele abre boca”.]
- (23) *u-tɨmɨzeʔeŋ*
 3-lábio-falar
 “(Ele) assobia”

Harrison (2007)

Os dados de (15) a (23) dá sustentação adicional à nossa hipótese segundo a qual a operação sintática de formação de verbos inergativos são, ao final de contas, o reflexo de um fenômeno mais geral de diminuição de valência. Em suma, os dados acima mostram que o verbo transitivo passa a inergativo, quando o objeto direto é incorporado à raiz transitiva. O

fenômeno da inergatividade em Tenetehára fica particularmente evidenciado pela derivação proposta a seguir em que se busca mostrar a formação do verbo complexo “limpar-barriga”.

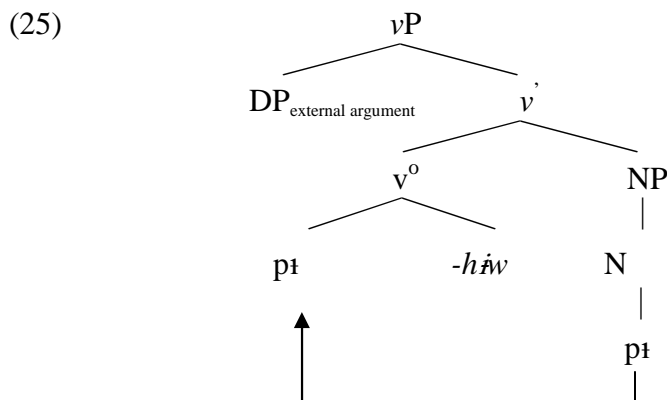
(24a) *u-hɨw* *u-pɨʔa*
 3-limpar CORR-barriga
 “(Ele)⁶ limpou a barriga dele mesmo”.

↓
 (24b) *u-pɨʔa-hɨw* *t*
 3-barriga-limpar
 “(Ele) limpou (barriga)”.

↓
 (24c) *u-pɨ-hɨw*
 3-barriga-limpar
 “(Ele) limpou (barriga)”.

Harrison (2007)

Nessa derivação, o objeto *u-pɨʔa* “barriga dele” se junta à base verbal transitiva, ocasionando com isso perda de material fonológico, de modo que o D/NP *u-pɨʔa*, quando se incorpora, altera de *-pɨʔa* para *-pɨ*. Ademais, é interessante observar que o objeto incorporado não apresenta a flexão de posse, sinalizando com isso que o objeto incorporado deve ser um NP_{nu}. A operação de inergativização do verbo transitivo em (24b) pode ser mais bem compreendida por meio da estrutura sintática delineada em (25).



⁶ É importante salientar que o Tenetehára é um língua de sujeito nulo, permitindo que o argumento externo do verbo transitivo seja apenas referido no verbo pelo prefixo nominativo de terceira pessoa.

Na próxima seção, investigamos o estatuto do prefixo causativo {*mu-*} em Tenetehára. A proposta que desenvolveremos é a de que esse morfema pode formar construções transitivas a partir de nomes, adjetivos e verbos.

4. ESTATUTO DO PREFIXO CAUSATIVO {-*mu*}

Em Tenetehára, observa-se que, em princípio, verbos e nomes podem combinar-se ao prefixo causativo {*mu-*} para gerarem um verbo transitivo. Dessa maneira, com base nos dados empíricos arrolados a seguir, nota-se que esse prefixo possui a propriedade de aumentar a valência de verbos inacusativos e descritivos, transformando-os em predicados transitivos.

INACUSATIVO → TRANSITIVO

- (26a) *u-pirik*
3-gotejar
“(Algo) pinga”.
- (26b) *u-mu-pirik*
3-CAUS-gotejar
“(Alguém) faz (algo) borrifar/molhar com gotas”.
- (26c) *u-mu-pirik-pirik*⁷
3-CAUS-gotejar-RED
“(Alguém) faz (algo) borrifar”.
- ↓
- (26d) *u-mu-piri-pirik*
3-CAUS-gotejar-RED
“(Alguém) faz (algo) borrifar”.
- (27a) *w-apɨk*
3-sentar
“(Algo) sentou”.
- (27b) *u-mu-apɨk*
3-CAUS-sentar
“(Ele) fez (a escrita) sentar (no papel)”.
- (27c) *u-mu-apɨk* *teko wa n-emi-apo-kwer* *paw pape r-ehe*
3-CAUS-sentar gente 3PL ABS-aquilo-fazer-PASS tudo papel C-PSP
“(Ele) escreveu no papel tudo o que o povo tinha feito”.

⁷ A diferença entre os exemplos (22b) e (22c) reside no fato de que a reduplicação agrega aspecto iterativo ao verbo em que ocorre.

DESCRITIVO → TRANSITIVO(28a) *i-aŋaiw*

3-magro

“(Alguém) é magro”.

(28b) *u-mu-aŋaiw*

3-CAUS-magro

“(Ele) fez (alguém) magro”.

(29a) *h-aku*

3-quente

“(Algo) está quente”.

(29b) *u-mu-aku*

3-CAUS-quente

“(Ele) fez (algo) ficar quente”.

(29c) *u-mu-aku-putar**ʔi nehe*

3-CAUS-quente-desejar água FUT

“(Ele) deseja fazer a água ficar quente”.

Harrison (2007)

(30a) *i-purəŋ*

3-bonito

“(Ele) é bonito”.

(30b) *u-mu-murəŋ*

3-CAUS-bonito

“(Ele) deu carinho (a alguém)”

[Lit.: “Ele fez alguém bonito”.]

Harrison (2007)

Além das construções acima, em que o prefixo causativo {*mu-*} aumenta a valência de verbos inacusativos e descritivos, existe ainda a possibilidade de este afixo coocorrer com um verbo inergativo, transitivizando-o, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

INERGATIVO → TRANSITIVO(31a) *aʔe w-awak*

3 3-acenar

“Ele acena”

(31b) *aʔe u-mu-awa-awak**u-kwə*

3 3-CAUS-acenar-acenar

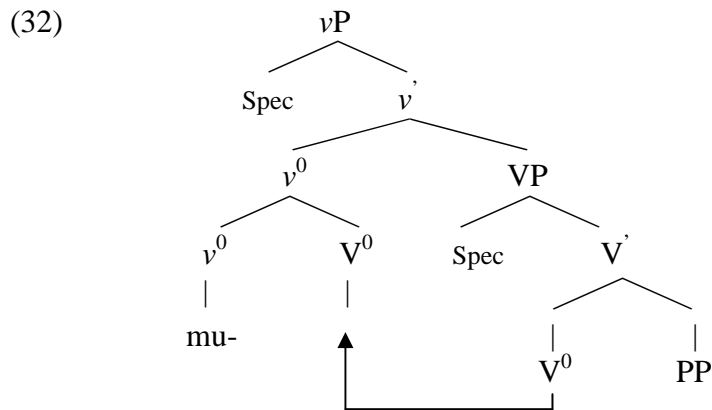
CORR-dedo

“Ele acenou o dedo”

[Lit.: “Ele fez o dedo (dele mesmo) acenar”.]

Harrison (2007)

Notem que, no dado em (31b), o predicado intransitivo torna-se transitivo, situação que fica evidente pelo fato de que esse verbo projeta o argumento interno D/NP *kwə* “dedo”. Tendo em conta essas ocorrências, defenderemos a idéia de que o prefixo {-*mu*} corresponde, ao final das contas, ao verbo leve causativo cuja acepção é FAZER/CAUSAR/PROVOCAR/MANDAR. Sua função é, portanto, introduzir o evento da causação, de modo a permitir uma leitura bieventiva. Adicionalmente, esse morfema, por ser de natureza afixal, engatilha a elevação do verbo lexical de sua posição de base, interna ao VP, para o núcleo de *v*P, conforme mostramos pela representação sintática a seguir:



Notem que a configuração sintática acima mostra que, no Tenetehára, o núcleo de *v*P realiza-se por meio de um morfema causativo, diferentemente do que ocorre no Basco. Nesta língua, o verbo causativo não equivale a um morfema, mas sim a um item lexical pleno, conforme evidencia o dado em (33):

- (33) *Nik lan egin dut*
 I-Erg work done have-me
 “I worked” (I did work).

Na seção seguinte, investigamos o escopo do reflexivo {-*ze*} em contextos de incorporação nominal e em ambientes sintáticos sem a incorporação do objeto. O objetivo é discutir o estatuto gramatical desse morfema no mecanismo de alteração de valência.

5. ESCOPO DO REFLEXIVO {-ze}

Como vimos na seção 3, é possível que um verbo transitivo seja inergativizado na língua Tenetehára. Em tais contextos, quando o objeto incorporado é de natureza [+INALIENÁVEL], aciona-se o morfema reflexivo {ze-} para denotar que o objeto é posse intransferível do argumento externo. Tal expediente gramatical é perceptível pelos exemplos arrolados abaixo.

TRANSITIVO

- (34) *u_i-mu-awa-mu-awak* *u_i-kwə* *aʔe*
3-CAUS-acenar-RED-RED CORR-dedo 3
“(Ele) acena o dedo (dele mesmo)”

TRANSITIVO→INERGATIVO

- (35) *u-ze-kwə-mu-wa-mu-wak* *aʔe*
3-REFL-dedo-CAUS-acenar- CAUS-acenar ele
“(Ele) fez sinal (com a mão) (sacudindo-a)”
[Lit.: “Ele acenou o seu próprio dedo”.]

Harrison (2007)

Vejam que, em (35), o NP *-kwə* “dedo” incorpora-se ao verbo transitivo *mu-awa-mu-awak* “acenar”, provocando com isso diminuição no número dos argumentos projetados na sintaxe pelo verbo. Ademais, o fato curioso é que, para incorporar-se, o argumento interno *u-kwə* “dedo dele” deve perder o prefixo correferencial {u-}, situação sintática que sinaliza que o objeto deve ser realmente um NP_{nu}, já que não carrega esse prefixo para dentro da raiz verbal. Outro fato que chama atenção é que, quando o NP_{nu} se incorpora e representa a posse inalienável⁸ do sujeito da sentença, faz-se necessária a ocorrência do morfema reflexivo {ze-}. A função gramatical deste reflexivo é denotar que o objeto incorporado é a posse inalienável do sujeito da sentença, o qual corresponde, na sentença em (35), ao D/NP agente

⁸ A *posse alienável* é direito de propriedade adquirido social e economicamente. Em geral, equivale a propriedades comuns em um grupo social, como, por exemplo, casa, rio, bebida, comida etc. Por outro lado, a *posse inalienável* é inata, inerente, não adquirida e não pode ser transferida. Itens representativos dessa classe são boca, nariz, pé, olho, cabelo, orelha etc.

que executa a ação. A representação em (36) tem por objetivo mostrar o movimento do argumento interno para dentro da raiz verbal.

- (36) *u-ze-kwə₇-mu-wa-mu-awak* 1 *aʔe*
 3-REFLEX-dedo-CAUS-acenar- CAUS-acenar 3
 “(Ele) fez sinal (com a mão) (sacudindo-a)”.
 [Lit.: “Ele acenou o seu próprio dedo”.] Harrison (2007)

Em suma, a derivação proposta em (36) sugere que a inserção do morfema reflexivo {ze-} é permitida apenas quando o NP incorporado for de natureza [+INALIENÁVEL] e quando esse NP constituir a posse de quem executa a ação. Para confirmar essa intuição, arrolamos, a seguir, mais dados empíricos em que o NP objeto, que foi incorporado, precisa ser de natureza [+INALIENÁVEL].

NP INCORPORADO DE NATUREZA [+INALIENÁVEL]

- (37) *u-ze-pi^hapi* *o-ho* *wa-iko* *u-kəwi-ʔu* *maʔe* *əi* *wə*
 3-REFL-pé-acertar 3-ir 3PL-AUX 3-bebida-beber NOML como PL
 “(Eles) iam tropeçando como bêbados”.

- (38a) *u-ze-eha-pi^hni-pi^hni*
 3-REFL-olho-fechar-RED
 “Ele piscou os olhos”.

↓

- (38b) *u-ze-a-pi^hni-pi^hni*
 3-REFL-olho-fechar-RED
 “Ele piscou os olhos”.

- (39) *u-ze-ənutaw-pin*
 3- REFL-barba-raspar
 “Ele raspou a própria barba”
 [Lit. “Ele se barbeou”.]

- (40a) *u-ze-əkəŋ-muŋuŋ*
 3- REFL-cabeça-pentear
 “Ele penteou a cabeça dele mesmo”
 [Lit: “Ele se penteou”.]

↓

- (40b) *u-ze-əkə-muŋuŋ*
 3- REFL-cabeça-pentear
 “Ele penteou a cabeça dele mesmo”
 [Lit: “Ele se penteou”.]

Observe-se que os NPs_{nus} *-pɪ* ‘pé’ em (37), *-eha* ‘olho’ em (38a), *-əmutaw* ‘barba’ em (39) e *-əkəŋ* ‘cabeça’ em (40a), co-ocorrem com o morfema reflexivo. Ou seja, a presença do prefixo reflexivo nos exemplos de (37) a (40) aponta para o fato de o NP incorporado ser de natureza [+INALIENÁVEL]. Ademais, nota-se que esse NP objeto deve ser necessariamente a posse inalienável do sujeito da sentença. Com o intuito de confirmar esta hipótese, arrolamos, a seguir, dados em que o NP objeto é de natureza [-INALIENÁVEL].

NP INCORPORADO DE NATUREZA [-INALIENÁVEL]

(41a) *tuweharupi u-ma ʔe-ʔu kuzəɪ hi-əpuʃ ø-me*⁹
 sempre 3-coisa-ingerir mulher POSS-casa C-PSP
 “(Ele) sempre comeu na casa da mulher”.

↓

(41b) *tuweharupi u-mai-ʔu kuzəɪ hi-əpuʃ ø-me*
 sempre 3-coisa-ingerir mulher POSS-casa C-PSP
 “(Ele) sempre comeu na casa da mulher”.

(42a) *u-ʔi-ʔu*
 3-água-ingerir
 “(Ele) bebeu (água)”.

↓

(42b) *u-i-ʔu*
 3-água-ingerir
 “(Ele) bebeu (água)”.

(43) *a-ɪwɪkəŋ*
 1-terra-cavar
 “(Eu) cavo (terra)”.

Veja que os NPs_{nus} *-ma ʔe* ‘coisa’, em (41a), *-ʔi* ‘água’, em (42a), e *-ɪwɪ* ‘terra’, em (43), não coocorrem com o morfema reflexivo, porque esses argumentos não carregam o traço semântico [+INALIENÁVEL]. A comparação entre os contextos nos quais ocorre o morfema {ze-}, por um lado, e os contextos em que este prefixo não ocorre, por outro lado, parece reafirmar a nossa hipótese de que a função gramatical principal deste reflexivo é

⁹ *-me* = “para, a, em”. A forma posposicional *-me* é alomorfe de *-pe*.

realmente a de denotar que o objeto incorporado possui natureza [+INALIENÁVEL]. Em suma, o paralelo feito entre os contextos nos quais figura o morfema {ze-} e os contextos em o que o morfema reflexivo não ocorre dá sustentação adicional a nossa hipótese segundo a qual a função do reflexivo é a de apontar para o fato de que o objeto incorporado deve possuir o traço [+INALIENÁVEL]. Em outras palavras, esse objeto precisa ser a posse inerente do sujeito da sentença e ser c-comandado por esse sujeito. Com base nestas observações, proporemos a seguinte generalização descritiva:

(44) **FILTRO DE OCORRÊNCIA DO PREFIXO {-ze}**

Só poderemos ter coocorrência do prefixo {-ze} com o objeto incorporado, se e somente se, este NP incorporado for dotado de natureza [+INALIENÁVEL] e for a posse inerente do sujeito da sentença.

Na seção seguinte, analisaremos o escopo do morfema {-ze} em contextos nos quais não ocorre a incorporação do objeto.

6. ESCOPO DE {-ze} EM CONTEXTOS EM QUE NÃO HÁ INCORPORAÇÃO DO OBJETO

Podem ocorrer ainda situações nas quais o morfema reflexivo {ze-} indica que o objeto e o sujeito são correferentes. O prefixo {ze-}, nestes contextos, equivale a um item anafórico, o qual está sujeito ao princípio A da Teoria de Ligação¹⁰. Para comprovar essa intuição, arrolamos os exemplos de (45) a (47), nos quais o prefixo {ze-} precisa ter como seu referente o sujeito da sentença.

(45) *aʔe_i u-ze_i-pin*
 3 3-REFL-raspar
 “Ele se raspa”.
 [Lit. “Ele faz a barba”.]

(46) *teko_i u-ze_i-mo-noʔoŋ* *he-r-əpɨj* *ø-pɨpe¹¹*
 gente 3-REFL-CAUS-ajuntar minha-POSS-casa C-PSP

¹⁰ No âmbito da Teoria Gerativa “*uma anáfora tem que estar vinculada em seu domínio de vinculação*” (Miotto 2004:229) ou “*An anaphor must be bound in a local domain*” (Chomsky 1995:96).

¹¹ A posposicao *-pɨpe* “dentro de, com” tem como alomorfe o item *-pɨpe*.

“A gente se ajunta dentro da minha casa”.

- (47) *aʔe_i re u-ze_i-ʔazuwʔk kur_i*
3 depois 3-REFL-enforçar então
“Depois ele se enforcou”.

Em síntese, os exemplos de (45) a (47) apontam para o fato de que a presença do prefixo {ze-} faz emergir o que a literatura técnica denomina de voz reflexiva. Desta forma, nos dados lingüísticos acima, o prefixo {ze-} tem de encontrar no sujeito da sentença o seu antecedente imediato com o qual mantém correferência e por meio do qual o princípio A da teoria de ligação pode ser respeitado.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, mostramos ser possível, em Tenetehára, a inergativização de verbos transitivos, particularmente nos contextos em que o objeto se incorpora ao núcleo do verbo transitivo nas estruturas *vP*. Além disso, propusemos que o prefixo causativo {mu-} pode ser interpretado como sendo a realização do verbo leve causativo no componente morfológico, cuja função principal é gerar verbos transitivos. Vimos também que a função gramatical do prefixo {ze-}, quando coocorre com o objeto incorporado, é denotar que tal objeto deve ser de natureza [+INALIENÁVEL] e, além disso, precisa ser a posse inalienável do sujeito da sentença. Buscamos, ainda, motivar a hipótese de que a manifestação do morfema reflexivo {ze-}, em contextos de não incorporação, faz surgir a voz medial ou reflexiva.

REFERÊNCIAS

Bobaljik, Jonathan. 1993. "Ergativity and ergative unergatives". Papers on Case and Agreement, eds. C. Phillips, J. D. Bobaljik, MITWPL, 19: 45-88. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Boudin, Max H. 1966. O simbolismo verbal primitivo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. Departamento de Publicações - Série Ciências Sociais. Presidente Prudente.

_____. 1966. Dicionário de Tupi Moderno. Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas. São Paulo.

Castro, Ricardo C. 2007. Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Chomsky, Noam. 1995. The Minimalist Program. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Dixon, R. M. W. 1979. Ergativity. *Language* 55: 59-138.

Duarte, Fábio B. 1997. Análise gramatical das orações da Língua Tembé. Brasília. Dissertação de mestrado, Instituto de Letras/LIV, Universidade de Brasília.

_____. 2004. Propriedades denotacionais dos prefixos {i-} e {h-} em Tenetehára. *Revista do Gel* 34:1194-1199.

_____. 2006. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. *Revista Liames* 5:113-145.

_____. (2007) Estudos de morfossintaxe Tenetehára. Belo Horizonte: Editora da Fale/UFMG.

Gomes, Mércio P. 2002. O índio na história: o povo Tenetehára em busca da liberdade. Petrópolis: Editora Vozes.

Hale, Ken, and Samuel Jay Keyser. 1993. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In *The view from Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger, Kenneth Hale and Samuel Jay Keyser*, eds., pp: 53-109. Cambridge, Mass.: MIT Press.

_____. 2002. Prolegomenon to a theory of argument structure. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

Harrison, C., 1986. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. *Handbook of Amazonian Languages*, eds. D. C. Derbyshire; G. K. Pullum, 1:407-439. Mouton de Gruyter, Berlin.

_____. (2007) Arquivo pessoal.

Laka, I., 1993. Unaccusatives that assign accusative. In: Papers on Case and agreement I, eds. C. Phillips, J. D. Bobaljik, MITWPL, 18:149-172. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Levin, B. and Malka Rappaport Hovav. 1995. Unaccusatives: At the syntax-lexical semantics interface. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Rodrigues, Aryon D. 1953. Morfologia do Verbo Tupi. Letras 1:121-152.

_____. 1986. Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas. Rio de Janeiro: Editora Loyola.

_____. 2001. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em Línguas Tupi-Guarani. Estudos sobre Línguas Indígenas, eds. Aryon Rodrigues and Ana Suelly A. Cabral, pp. 87-100. Belém: UFPA/GTLI.

Uribe-Etxebarria, Myriam. 1989. On noun incorporation in Basque and some of its consequences in the phrase-structure. Storrs: University of Connecticut, ms.